

# Multifuncionalidade de *ainda* no português brasileiro à luz da Gramática Discursivo-Funcional

(Multifunctionality of *ainda* in Brazilian Portuguese  
in the view of Functional Discourse Grammar)

Michel Gustavo Fontes<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) – Universidade Estadual Paulista  
“Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) – *campus* de São José do Rio Preto  
michelfontes2002@yahoo.com.br

**Abstract:** Based on Functional Discourse Grammar principles, this paper aims to characterize the multifunctionality of *ainda* in Brazilian Portuguese. Mainly, our proposal is to introduce some initial reflections about the decategorization process and the metaphoric change involved in the grammaticalization of *ainda*.

**Keywords:** Multifunctionality; Grammaticalization; Functional Discourse Grammar.

**Resumo:** Com base na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, este artigo objetiva caracterizar a multifuncionalidade de *ainda* no português brasileiro. Especificamente, pretende-se lançar algumas reflexões preliminares a respeito do processo de decategorização e de mudança metafórica envolvidos na gramaticalização do item *ainda*.

**Palavras-chave:** Multifuncionalidade; Gramaticalização; Gramática Discursivo-Funcional.

## Considerações iniciais

A gramaticalização (doravante GR), conforme apontam Heine *et al.* (1991) e Hopper e Traugott (2003), tem sido estudada a partir de duas perspectivas: diacrônica e sincrônica. Sob a perspectiva diacrônica, a GR é concebida como um processo de mudança linguística em que formas gramaticais emergem nas línguas, ou melhor, itens e construções lexicais passam, em determinados contextos, a servir a funções gramaticais, ou itens já gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais. Já sob a perspectiva sincrônica, a GR é concebida como um fenômeno sintático, discursivo e pragmático que pode ser abordado à luz dos padrões fluidos de uso da língua.

Este trabalho, partindo dessa segunda perspectiva de trabalhos sobre a GR e preocupado, no geral, em investigar a natureza fluida de itens ou elementos linguísticos, toma como objeto de estudo o item *ainda* e procura caracterizar sua natureza multifuncional no português brasileiro (doravante PB) moderno.

Não só os dicionários, mas também variados autores (cf. FERREIRA, 2011; FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA, 1993; LONGHIN-THOMAZI, 2004; 2005; MARTELOTTA, 1993; 2008; VICENTE; DEFENDI; RAUBER, 2011) identificam dois principais usos do item *ainda*: (i) um *temporal*, que assinala continuidade ou persistência de um estado ou de um evento, e (ii) um *argumentativo*, que, ao escopar um determinado constituinte do enunciado, intensifica seu significado, ou, ao promover a articulação entre porções textuais, estabelece nexos semânticos como inclusão ou concessão.

Esses apontamentos revelam uma flutuação em relação aos usos e aos estatutos categoriais de *ainda*, o que é de interesse primordial para estudiosos da GR: esses diversos usos, além de mostrarem um aumento de gramaticalidade do item *ainda*, marcadamente visível por meio da mudança categorial de advérbio a conjunção, revelam a transferência de sentidos, via metáfora, de domínios conceituais mais concretos, como tempo, para mais abstratos, como concessão.

Diante desse quadro que já aponta para uma caracterização de *ainda* em sua multifuncionalidade, este artigo lança algumas reflexões preliminares a respeito dos processos de decategorização e de mudança metafórica envolvidos na GR do item *ainda* à luz dos princípios teóricos e metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), conforme concebida por Hengeveld e Mackenzie (2008).

A concepção de gramática que está por trás da teoria da GDF é bastante útil na medida em que possibilita precisar as funções semânticas e pragmáticas desempenhadas pelo item *ainda*, o qual, a depender da função, pode atuar como modificador ou operador das diferentes camadas dos níveis Representacional e Interpessoal.

Para tanto, enquanto material de análise, selecionam-se dados reais de uso do PB retirados de dois bancos de dados: (i) *Córpus mínimo do Projeto da Gramática do Português Brasileiro*, composto por inquéritos do *Projeto NURC*, e (ii) *Córpus do Português* (cf. DAVIES; FERREIRA, 2006).<sup>1</sup>

Este artigo está organizado em duas seções. Na primeira seção, apresentam-se as concepções teóricas e metodológicas que embasam este trabalho, detalhando (i) as considerações de variados linguistas a respeito dos usos e das funções do item *ainda*, (ii) o modelo teórico-metodológica da GDF e, por fim, (iii) o modo como a GDF concebe a distinção *lexical vs. gramatical*. Na segunda seção, caracterizam-se os diversos padrões de uso do item *ainda*. As considerações finais encerram o artigo.

## Fundamentos teóricos e metodológicos

### Sobre usos e funções de *ainda* segundo a literatura linguística

Martelotta (1993; 2008), ao tratar da GR de alguns circunstanciadores temporais em operadores argumentativos, identifica, para o item *ainda*, valores temporais e textuais. Em relação ao valor temporal, Martelotta (1993) afirma encontrar, no português arcaico, o item *ainda* no sentido de *hoje em dia* (cf. (01)); já no português atual, o autor afirma que esse matiz temporal se manifesta na marcação de contra-expectativa (cf. (02)), “uso que constitui o resultado de uma gramaticalização, em que o elemento passa a assumir, além do valor temporal, uma função pragmático-discursiva” (p. 185).

- (01) E tanto que a el chegou, salvou-o mui bem e mui apôsto; e Erec o ar salvou, que o nom conhecia *ainda* e perguntou-lhe quem era. (MARTELOTTA, 1993, p. 181)
- (02) ... é uma profissão pouco::... como posso falar? pouco::... reconhecida... no mercado brasileiro... na Europa já é uma coisa muito antiga... mas aqui no Brasil... é a coisa ... **ainda** muito nova... (MARTELOTTA, 2008, p. 55)

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em: 11 jun. 2013.

Em (02), Martelotta (2008) prevê que *ainda*, além do valor temporal, agrega uma marca de contra-expectativa, indicando que o falante trabalha com as expectativas do ouvinte ao produzir seu discurso. Para o autor (MARTELOTTA, 1993), em (02), tem-se uma construção de contraste (*na Europa já é uma coisa muito antiga... mas aqui no Brasil... é a coisa ... ainda muito nova*) em que o *ainda* marca um contraste com as expectativas do ouvinte (vale notar a presença do *mas* para reforçar tal valor).

Segundo Longhin-Thomazi (2005), o valor temporal de *ainda* pode ser especificado em dois sentidos: (i) o marcador de tempo continuativo (cf. (03a)), em que o advérbio *ainda* assinala uma continuidade ou uma persistência do estado descrito, e (ii) o marcador de tempo futuro (cf. (03b)), que se refere a um fato que pode ocorrer posteriormente.

- (03) a. – Porquê? disse el; fez-vos alguu mal?  
– Mui grande; derribou-me tam bravamente que **aynda** me dol.
- b. Ai donzela, alevosa e traedor, em maau-ponto foi esta promessa outorgada, ca eu seerei mais escarnecido que nunca foi cavaleiro; e tu nom gaanharás i rem; ca, se Deus quiser, **aynda** porém morrerás de maa morte.

(LONGHIN-THOMAZI, 2005, p. 1363-1364)

Tanto Martelotta (1993; 2008) como Longhin-Thomazi (2005) defendem que, a partir do uso temporal, “derivam” os usos argumentativos de *ainda*. Martelotta (1993), além do *marcador de contra-expectativa*, elucida outros dois valores discursivos para o item: *inclusivo* (cf. (04a)), que, semelhante ao *também*, tem a função de acrescentar novas informações ao discurso, e *intensificador de advérbio* (cf. (04b)), que modifica outro advérbio, intensificando-o. Já Longhin-Thomazi (2005), corroborando a existência dos usos *inclusivo* e *intensificador*, identifica um terceiro uso: o *concessivo* (cf. (04c)), que articula fatos ou situações de algum modo incompatíveis.

- (04) a. O que abastece o Brasil de madeira para as construções, que é o pinho, vem do Paraná. Também um... uma pequena parte do, do norte do Rio Grande, mas principalmente do Paraná e pouquinho também de Santa Catarina... No mais eu acho que a vegetação é constituída de... uma mata rala, não é? Porque já foram quase totalmente destruídas, temos **ainda** uma vegetação que é muito conhecida dos brasileiros lá no Nordeste, que é também uma mata rala... (MARTELOTTA, 1993, p. 186)
- b. E: E os meninos já foram assaltados?  
I: Não também, graças a Deus.  
E: **Ainda** bem, não é? (MARTELOTTA, 1993, p. 186)
- c. – Senhor cavaleiro, vós estades a pee e eu a cavalo, e **aynda** com tal andança queredes a batalha? (LONGHIN-THOMAZI, 2005, p. 1364)

Ao reconstruir a história dos usos de *ainda*, Longhin-Thomazi (2005) corrobora a ideia de mudança semântica, uma vez que o item *ainda* segue uma escala crescente de pragmatização de significado, isto é, de advérbio temporal a articulador textual e, por fim,

a conjunção concessiva (é no século XIV que a autora encontra a primeira ocorrência de *ainda que* com leitura de concessão). Segundo a autora, os usos inclusivo e intensificador são uma etapa de subjetivização, conforme Traugott (2004), por envolver a codificação de expectativas do falante; por outro lado, o terceiro uso argumentativo, especificamente a perífrase concessiva *ainda que*, é uma etapa de intersubjetivização, já que tal sentido de concessão se sustenta numa relação dialógica.

### **A Gramática Discursivo-Funcional**

Proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF é o componente gramatical de uma teoria mais abrangente da interação verbal. Concebida segundo princípios funcionalistas, a GDF objetiva descrever as línguas naturais de uma forma pragmática e psicologicamente adequada, isto é, pretende estudar o grau em que uma descrição linguística é relevante para explicar o uso da língua e compatível com o conhecimento sobre o processamento mental envolvido na interpretação e na produção das expressões linguísticas. Tal modelo, dessa forma, apreende as propriedades formais das unidades linguísticas e as descreve em termos da intenção comunicativa com que são produzidas.

A GDF, ao propor uma expansão de gramática da sentença para gramática do discurso, provoca mudanças significativas na determinação das unidades de análises linguísticas. Para tanto, tal modelo gramatical apresenta as seguintes propriedades: (i) opera de cima para baixo (organização *top-down*), isto é, as intenções comunicativas de um falante são processadas em direção descendente até chegar à articulação da expressão linguística; (ii) tem como unidade básica de análise os atos discursivos; (iii) liga-se a um componente conceitual, contextual e um de produção; (iv) distingue dois processos fundamentais envolvidos na produção linguística, a *formulação*, que converte a intenção comunicativa e sua representação mental em representações interpessoais e representacionais, e a *codificação*, que transporta as representações interpessoais e representacionais para os níveis morfossintático e fonológico de forma a dar a elas uma expressão linguística; e, por fim, (v) introduz quatro níveis de análise independentes e organizados hierarquicamente: Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico. Tais níveis, nessa ordem hierárquica, são interatuantes na organização do modelo da GDF, conforme se observa na Figura 1.

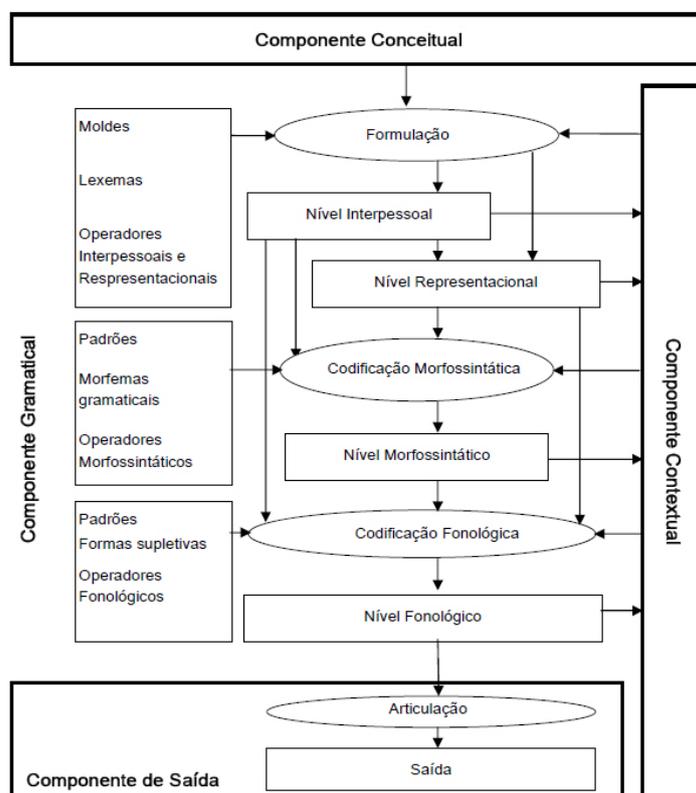


Figura 1: Layout geral da GDF

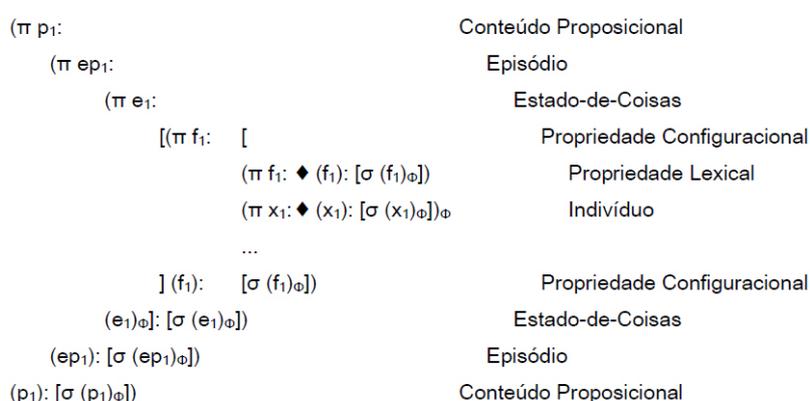
No processo de formulação, atuam os níveis Interpessoal e Representacional. No Nível Interpessoal, todas as unidades relevantes do comportamento comunicativo são formalizadas em termos de sua função comunicativa. Com base na Figura 2, observa-se que a unidade de análise hierarquicamente mais alta nesse nível é o *Movimento* (M), que pode conter um ou mais *Atos Discursivos* (A). Um *Ato Discursivo* consiste em uma *Ilocução* (F), um ou mais participantes do ato de fala (P) e o *Conteúdo Comunicado* (C) apresentado pelo Falante. O *Conteúdo Comunicado*, por sua vez, pode conter um número variável de *Subatos Atributivos* (T) e *Subatos Referenciais* (R).

(π M <sub>1</sub> : [	Movimento
(π A <sub>1</sub> : [	Ato Discursivo
(π F <sub>1</sub> : ILL (F <sub>1</sub> ): Σ (F <sub>1</sub> ))	Ilocução
(π P <sub>1</sub> : ... (P <sub>1</sub> ): Σ (P <sub>1</sub> )) <sub>S</sub>	Falante
(π P <sub>2</sub> : ... (P <sub>2</sub> ): Σ (P <sub>2</sub> )) <sub>A</sub>	Ouvinte
(π C <sub>1</sub> : [	Conteúdo Comunicado
(π T <sub>1</sub> : [...] (T <sub>1</sub> ): Σ (T <sub>1</sub> )) <sub>Φ</sub>	Subato de atribuição
(π R <sub>1</sub> : [...] (R <sub>1</sub> ): Σ (R <sub>1</sub> )) <sub>Φ</sub>	Subato de referência
] (C <sub>1</sub> ): Σ (C <sub>1</sub> )) <sub>Φ</sub>	Conteúdo Comunicado
] (A <sub>1</sub> ): Σ (A <sub>1</sub> )) <sub>Φ</sub>	Ato Discursivo
] (M <sub>1</sub> ): Σ (M <sub>1</sub> ))	Movimento

Figura 2: Nível Interpessoal (HENGEVELD; MACKENZIE, 2012)

Já no Nível Representacional, descrevem-se as unidades linguísticas em termos de sua categoria semântica. Enquanto o Nível Interpessoal trata da evocação, o Re-

sentacional lida com a denotação. As camadas desse nível, disponíveis numa representação formalizada e hierarquicamente organizada na Figura 3, são definidas em termos das categorias semânticas que elas designam: Conteúdos Proposicionais (p), as unidades mais altas do nível representacional, são construtos mentais, que podem conter um ou mais Episódios (Ep), que são conjuntos de Estados-de-Coisas tematicamente coerentes, no sentido de que apresentam unidade ou continuidade de Tempo (t), Locação (l) e Indivíduos (x); já Estados-de-Coisas (e) incluem eventos e estados que são caracterizados pela possibilidade de serem localizados no tempo e avaliados em termos de seu estatuto factual. Um Estado-de-Coisas se caracteriza por uma Propriedade Configuracional (f), que tem natureza composicional e contém uma combinação de unidades semânticas que não estão em relação hierárquica entre si, como Indivíduo (x), Locação (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Qualidade (q).



**Figura 3: Nível Representacional (HENGELVED; MACKENZIE, 2012)**

Na operação de codificação, atuam os níveis Morfossintático e Fonológico. O Nível Morfossintático trata dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. Juntamente com o Nível Fonológico, cuida da codificação das distinções interpessoais e representacionais. Em vista dessa função, muito do que ocorre no Nível Morfossintático é funcionalmente motivado: princípios de ordenação são motivados por iconicidade, integridade de domínio e pela preservação de relações de escopo. Entretanto, deve-se levar em conta que esse nível tem seus próprios princípios de organização, que podem não ser funcionalmente motivados. Conforme a representação disponível na Figura 4, a camada mais alta do Nível Morfossintático é a Expressão Linguística (El), ou seja, qualquer conjunto de pelo menos uma unidade morfosintática; se houver mais de uma unidade dentro da El, elas terão as mesmas propriedades morfosintáticas. As unidades que se combinam para formar a El são: Orações (Cl), Sintagmas (Xp) ou Palavras (Xw).

(Le <sub>1</sub> :	Expressão Linguística
(Cl <sub>1</sub> :	Oração
(Xp <sub>1</sub> :	Sintagma
(Xw <sub>1</sub> :	Palavra
(Xs <sub>1</sub> )	Raiz
(Aff <sub>1</sub> )	Afixo
(Xw <sub>1</sub> )	Palavra
(Xp <sub>1</sub> )	Frase
(Cl <sub>1</sub> )	Oração
(Le <sub>1</sub> )	Expressão Linguística

Figura 4. Nível Morfossintático (HENGELVED; MACKENZIE, 2012)

O Nível Fonológico, por fim, é responsável pelos aspectos de codificação que não ocorrem no Nível Morfossintático. Ele recebe o *input* – alguns já na forma fonêmica – dos outros três níveis e provê o *input* para o Componente de Saída. Enquanto este último lida com questões relacionadas a frequência, intensidade, duração, o Nível Fonológico – sendo gramatical – é ‘digital’, e contém representações de fonemas que são baseadas em oposições fonológicas binárias.

(π U <sub>1</sub> : [	Enunciado
(π IP <sub>1</sub> : [	Frase Entonacional
(π PP <sub>1</sub> : [	Frase Fonológica
(π PW <sub>1</sub> : [	Palavra Fonológica
(π F <sub>1</sub> : [	Pé
(π S <sub>1</sub> ) <sup>n</sup>	Sílaba
](F <sub>1</sub> )	Pé
](PW <sub>1</sub> )	Palavra Fonológica
](PP <sub>1</sub> )	Frase Fonológica
](IP <sub>1</sub> )	Frase Entonacional
](U <sub>1</sub> )	Enunciado

Figura 5: Nível Fonológico (HENGELVED; MACKENZIE, 2012)

### A distinção “lexical x gramatical” na GDF

Conforme se mostrou na seção anterior, cada um dos níveis que compõem a GDF se estrutura hierarquicamente em camadas segundo a estrutura geral em (05).

$$(05) (\pi v_1: [\text{núcleo } (v_1)_\Phi]: [\sigma (v_1)_\Phi])$$

Nesse esquema em (05), a variável  $v_1$  corresponde à camada relevante restringida por um núcleo que toma a variável como argumento. O modificador  $\sigma$ , por um lado, toma a variável como seu argumento de forma a restringi-la, enquanto o operador  $\pi$  especifica a variável. A camada, além disso, pode conter uma função  $\Phi$ . Núcleos e modificadores são estratégias lexicais, enquanto operadores e funções representam estratégias gramati-

cais. A diferença reside no fato de que operadores se aplicam apenas à própria unidade, enquanto funções são relacionais, atuando entre uma unidade inteira e outras unidades da mesma camada. Essa distinção entre **modificadores** (itens de natureza lexical) e **operadores** (itens de natureza gramatical) será fundamental para a compreensão dos padrões de uso de *ainda*.

Segundo Dik (1997a, p. 159), a gramática funcional (doravante GF) faz uma distinção nítida entre elementos lexicais e gramaticais. Os itens gramaticais refletem os variados operadores e funções que podem ser aplicados à estrutura subjacente da expressão linguística em diferentes níveis; já os itens lexicais são capturados por predicados básicos disponíveis no léxico.

Na GDF, assim como na GF, há uma distinção estrita entre restritores (ou modificadores) e operadores. Os primeiros, enquanto itens lexicais, são descritivos, isto é, descrevem uma propriedade atribuída a uma entidade. Já os últimos, enquanto itens gramaticais, são especificadores, isto é, especificam as propriedades de uma entidade. De acordo com Keizer (2007, p. 48), pode-se considerar que ambos, modificadores e operadores, desempenham uma função restritiva, isto é, ambos fornecem informações adicionais sobre uma entidade de forma a ajudar o ouvinte a reconhecer tal entidade. Além disso, ambos atuam nas variadas camadas dos níveis Interpessoal e Representacional e operam junto a diferentes entidades. A diferença crucial entre eles está na natureza da informação fornecida: enquanto os modificadores (ou restritores) restringem a denotação de uma expressão por meio da descrição de uma propriedade da entidade designada (e, assim, funcionam como predicados), os operadores especificam propriedades não-descritivas e mais abstratas da entidade em questão.

Ao refletir sobre o estatuto lexical ou gramatical de determinadas classes de palavras ou itens linguísticos do inglês e sobre sua representação na GDF, Keizer (2007) distingue quatro grandes grupos: (i) *elementos lexicais primários*: nomes e verbos altamente lexicalizados, adjetivos e advérbios; (ii) *elementos lexicais secundários*: combinações de lexemas que passaram a comportar-se como um único lexema, o que incluiria elementos descritivos, como as expressões idiomáticas, e elementos não-descritivos que mantêm traços do significado original, como casos incipientes de GR (no inglês, *sort of* e *in case* seriam exemplos); (iii) *elementos gramaticais secundários*: preposições, pronomes, numerais, demonstrativos, algumas conjunções, etc.; (iv) *elementos gramaticais primários*: itens quase plenamente gramaticalizados, como artigos, modais, algumas conjunções, preposições e artigos.

A partir dessa distinção, Keizer (2007) propõe o seguinte *cline* de gramaticalidade (Figura 6), e, por meio desse *cline*, podemos observar que a autora traça algumas correspondências com os primitivos previstos na GDF: os elementos lexicais primários e secundários correspondem a modificadores, enquanto os elementos gramaticais primários e os afixos flexionais correspondem a operadores ou a funções. Para a autora, elementos gramaticais secundários não apresentam primitivo correspondente no modelo da GDF.

itens de conteúdo		> palavras gramaticais		> afixos flexionais
Elementos lexicais primários	Elementos lexicais secundários	Elementos gramaticais secundários	Elementos gramaticais primários	
verbo pleno, Substantivo, adjetivo	expressões idiomáticas; formas lexicalizadas	numerais, demonstrativos, pronomes	artigos, modais, algumas conjunções e preposições	- <i>s</i> - <i>ed</i> - <i>ing</i>
restritores (modificadores)		??????	operadores/funções	

Figura 6: *Cline* revisado de gramaticalidade (KEIZER, 2007, p. 47)

Para preencher essa lacuna, Keizer (2007) propõe um terceiro tipo de primitivo: os *operadores lexicais*. Segundo a autora, alguns itens linguísticos, como os demonstrativos, não restringem o significado da expressão (e, dessa forma, não podem ser considerados modificadores), mas são empregados para ajudar o ouvinte a perceber a entidade evocada por meio de informações não descritivas, como proximidade, e, dessa forma, comportam-se como operadores. Entretanto, esses itens são considerados itens gramaticais secundários, tendo uma natureza mais lexical do que gramatical. Esses itens, enquanto elementos gramaticais secundários que cumprem o papel de operadores, são operadores lexicais.

### Padrões de uso de *ainda* no português brasileiro: primeiras reflexões

Os dois primeiros padrões de uso de *ainda* trazidos neste trabalho descaracterizam o valor temporal previsto, em outros trabalhos, para esse item. Acredita-se que tal valor temporal, atribuído por outros autores a *ainda*, pode ser analisado em duas vias: (i) como marcador de aspecto imperfectivo, ou (ii) como marcador de polaridade.

A distinção entre as categorias semânticas de tempo e de aspecto se justifica uma vez que a primeira, de natureza dêitica, e sendo uma propriedade da sentença e da enunciação, relaciona temporalmente o evento e a enunciação, e a segunda, de natureza não-dêitica, e sendo uma propriedade da sentença, mas não da enunciação, refere-se à constituição interna do desenvolvimento temporal do processo. Entretanto, distinguir advérbios temporais de aspectuais não tem sido uma tarefa muito pacífica entre os linguistas. Ilari *et al.* (2002) e Ilari (2002), por exemplo, sustentam tal distinção ao observar que alguns advérbios indicam a frequência com que um evento se reitera (e não localizam temporalmente um evento) e, além disso, impõem restrições ao aspecto verbal. Neves (2002, p. 266), por outro lado, opta por não manter tal distinção, uma vez que “frequência e duração [...] tocam a semântica temporal, situando-se em um estado de coisas que evolui temporalmente, de um estado de coisas inicial para um estado final, embora desconsiderada a ancoragem no tempo de enunciação”.

Para a GDF, é fundamental preservar a distinção entre advérbios aspectuais e temporais: no Nível Representacional, distinções temporais são marcados ou na camada do Episódio, ou na camada do Estado-de-Coisas, enquanto valores aspectuais pertencem à camada da Propriedade Configuracional.

- (06) a. bom tinha a solenidade de formatura...hoje essa solenidade ao...caindo...té certo ponto é válido...em outro aspecto eu acho que nao porque::...de qualquer forma a gente tem pai e mae que gostam **ainda** dessa/ desse tipo de formalidade né? (POA-DID-45)
- b. há ainda nenhuma possibilidade nesse sentido. Até porque estou concluindo **ainda** meu mandato na Assembléia Legislativa (19Or:Br:Intrv:Cid)
- c. mas o que eu acho é que o pessoal nao se equipou **ainda** aqui para isso (SSA-D2-98)
- d. O duodécimo é utilizado para pagar as despesas gerais da Câmara. Tivemos, até, notícia de que talvez estivessem protestando um título da Câmara. Não tenho oficialmente **ainda**. Mas, uma coisa é necessário resgatar: o Cláudio Petroni fez um excelente administração, principalmente nos últimos meses, conseguindo segurar uma situação que estava difícil. (19Or:Br:Intrv:Cid)

Nos exemplos dispostos em (06), o item *ainda* especifica a constituição temporal interna do Estado-de-Coisas descrito, isto é, ele não localiza o evento descrito em algum ponto do tempo, mas marca a continuidade ou a persistência, no tempo, do evento descrito. Em (06a), por exemplo, *ainda* sinaliza o caráter contínuo do evento de *pai e mãe gostar desse tipo de formalidade*, podendo ser parafraseado por *até hoje* ou *até o presente momento*. Em (06b), esse significado de continuidade também fica evidente: o falante, ao fazer uso de *ainda*, marca a persistência da *conclusão de seu mandato na Assembleia Legislativa*. Já em (06c) e (06d), *ainda* marca a continuidade de um evento negativo: em (06c), o fato de *o pessoal não se equipar para uma determinada tarefa* permanece até o presente momento; já em (06d), o fato de *não ter alguma declaração oficial* persiste até o momento de fala, *até agora*.

Não se tem, como se pode observar, eventos acabados, perfectivos; trata-se de eventos em curso, longe de sua finalização, e é o item *ainda* que revela essa persistência dos eventos, a sua imperfectividade. Ao fazer com que se veja o evento a partir de dentro, isto é, a partir de sua duratividade interna, *ainda* pode ser considerado um constituinte que acrescenta uma informação aspectual, especificamente *aspecto imperfectivo*, ao predicado e, por conseguinte, ao evento descrito.

Na GDF, no Nível Representacional, as distinções aspectuais são atualizadas por operadores da camada da Propriedade Configuracional. É difícil caracterizar *ainda*, com valor aspectual imperfectivo, como um operador, já que operadores apresentam um alto grau de gramaticalidade (além de a maioria dos operadores aspectuais prevista pela GDF ser sufixos). Se o item *ainda*, comportando-se similarmente a um elemento gramatical secundário, especifica informações não-descritivas e mais abstratas (como aspecto), propõe-se que seja analisado como um operador lexical. Tem-se, dessa forma, um primeiro padrão de uso de *ainda*: **operador lexical de aspecto imperfectivo na camada da Propriedade Configuracional**.

A polaridade, por outro lado, é uma categoria relevante na camada do Estado-de-Coisas e se concentra na negação da ocorrência de um evento. No sistema de polaridade, o valor negativo é geralmente marcado,<sup>2</sup> em oposição ao positivo, que é não marcado.

<sup>2</sup> O operador de polaridade negativa em português é a partícula *não*.

Hengeveld e Mackenzie (2008) afirmam que muitas partículas fasais podem expressar certos tipos de polaridade, afirmação interessante para este trabalho na medida em que prevê a direção de mudança metafórica para o item *ainda*: aspecto imperfectivo > polaridade.

- (07) a. Eu **ainda** enlouqueço. neg<sup>pos</sup>  
 b. JC - Este mês duas bandas pernambucanas estão gravando, Casca- bulho e Querozene Jacaré. Acredita que daqui **ainda** sairão mais neg<sup>pos</sup> contratos? (19Or:Br:Intrv:Com)  
 c. aqui **ainda** se marca estrada com aqueles homens botando aquele pos<sup>neg</sup> negócio e pintando à mão... (SSA-D2-98)  
 d. a estrada nao estava por sinal pronta **ainda** estava em terraplena- pos<sup>neg</sup> gem mas eu passei consegui passar (SSA-D2-98)  
 e. OU:: se a gente se reportar... ao problema da análise iconográfica... neg<sup>pos</sup> DES::de... o::tema pré-histórico... que nós vamos reconhecer... até... ao iconográfico propriamente **ainda não** existe... nao... seria pré-iconográfico só... porque ainda não existe o problema da com- posição (SP-EF-405)  
 f. - É, eu fiz um curta, de 20 minutos, que na verdade **ainda não** está neg<sup>pos</sup> pronto, mas já foi apresentado em bares do circuito alternativo da época (19Or:Br:Intrv:Cid)

Nos exemplos em (07), *ainda* conjuga valores binários. Em (07a) e (087), *ainda*, por pressuposição, marca um evento negativo que antecipa um positivo (*eu não estou louco, mas ficarei* ou *os contratos não saíram, mas vão sair*). Já em (07c) e (07d), *ainda* indica um valor positivo que antecede um Estado-de-Coisas negativo (*aqui se marca estrada com aqueles homens botando aquele negócio e pintando à mão, mas não se marcará mais* ou *a estrada estava em terraplenagem, mas não estaria futuramente*). Por fim, em (07e) e (07f), a construção *ainda não* apresenta um valor básico negativo que antecede um Estado-de-Coisas positivo (*ainda não existe, mas vai existir* ou *ainda não está pronto, mas vai estar*). Tem-se, assim, um segundo padrão de uso do item *ainda*: **operador de polaridade na camada do Estado-de-Coisas**.

Caracterizados esses dois primeiros padrões de uso de *ainda*, volta-se a atenção ao que Martelotta (1993) e Longhin-Thomazi (2004; 2005) denominam de usos textuais ou argumentativos de *ainda*, no caso o uso inclusivo, o uso concessivo e o uso intensificador. Acredita-se que o uso concessivo de *ainda*, exemplificado nas ocorrências dispostas em (08), situa-se no Nível Representacional, especificamente na camada do Conteúdo Proposicional, enquanto os usos inclusivos e intensificadores podem ser reunidos sob o rótulo de enfáticos, situando-se no Nível Interpessoal.

Em (08), nota-se que *ainda* é acompanhado por um elemento relator, isto é, um constituinte da língua que tem a propriedade de conectar ou relacionar segmentos textuais, como o fórico *assim* (cf. (08a), (08b) e (08c)) ou a conjunção gramatical *que* (cf. (08d), (08e) e (08f)). *Ainda assim*, conforme aponta Lopes-Damasio (2011), articula duas porções textuais, estabelecendo, entre elas, uma leitura adversativa ou concessiva. O mesmo tipo de interpretação, conforme apontam Martelotta (1993), Longhin-Thomazi (2004; 2005) e Vicent *et al.* (2011), pode ser direcionado a *ainda que*: trata-se de uma conjunção

que entra na construção da relação de concessão e que, segundo Vicent *et al.* (2011), pode ser parafraseada por *embora*, considerada a conjunção prototípica para marcar concessão.

- (08) a. Eles eram inimigos, haviam brigados, mas saíram o Maluf falando macio, já sinalizando inclusive que iria passar a apoiar as reformas do governo FHC. É um mau sinal do que essa CPI dos Títulos possa se transformar de novo numa grande e escandalosa pizza. **Ainda assim**, vamos investir, nos organizarmos e exigir que a Câmara de SP aprove o pedido de CPI que está lá. 19Or:Br:Intrv:Cid
- b. Mário de Andrade fez uma tiragem de 800 exemplares de Macunaíma e, **ainda assim**, guardava um monte deles em sua casa. 19Or:Br:Intrv:ISP
- c. Quando cheguei à escola, Ruth ainda era de lá. Quando a vi dançando, simplesmente abri a boca. Ela é tão especial, tem uma urgência do movimento, que é fantástica. Quando foi para a companhia, fiquei com seu solo. Ela foi maravilhosa, ensinou-me muito, **ainda assim** foi difícilimo conseguir fazer. 19Or:Br:Intrv:ISP
- d. e depois, exatamente aquele outro que tem, que há, em que há uma concordância entao, a gente tira retalhos, mas a, o objetivo da pesquisa bibliográfica, da consulta bibliográfica, seria a análise de uma série de fontes para depois se apresentar um todo novo reformulado **ainda que** com características de cada um deles, mas que o todo se, se fosse reformulado, reestruturado (POA-EF-278)
- e. FHC seria conivente dentro desse contexto? CG - Conivente eu não diria, mas o grande beneficiário e aquele que criou esse contexto, **ainda que** não tenha sido o homem que praticou isso, e eu não acredito, mas reitero: criou o contexto. 19Or:Br:Intrv:Pov
- f. O fato de Monje querer ele mesmo ser o líder da revolução, **ainda que** recusando-se a ir para o lugar onde se travava a luta principal, é questão de pormenor. 19Or:Br:Intrv:Com

Com os exemplos em (08), observamos que os itens *assim* e *que* apresentam propriedades articuladoras: *assim* retoma o Estado-de-Coisas descrito na oração anterior, e *que* indica o encaixamento de uma oração a outra. O item *ainda* estabelece a ideia de concessão entre os segmentos articulados, encabeçando uma quebra de expectativa criada pelo contexto. Em (08c), por exemplo, o fato de *Ruth ser maravilhosa e ensinar muito ao interlocutor* não foi suficiente para impedir *a dificuldade de se conseguir fazer o solo de Ruth*; esse último evento quebra a expectativa criada pelo contexto anterior: a de que Ruth, por sua dedicação e empenho, não encontraria dificuldade ao fazer o solo.

O valor concessivo de *ainda assim* e de *ainda que* é claro. Na GDF, *ainda assim* e *ainda que* são vistos, no Nível Morfossintático, como conjunções lexicais que marcam, no Nível Representacional, a função semântica Concessão. A relação adverbial Concessão articula dois Conteúdos Proposicionais de forma a codificar uma contrariedade, expressa na oração concessiva, a uma expectativa criada pelo Conteúdo Proposicional designado pela oração principal, conforme se observa na representação abaixo do exemplo (08c).

(p: [(ela foi maravilhosa, ensinou-me muito) (p,)]: (p: [(foi difícilimo conseguir fazer) (p,)Concessão])

O terceiro padrão de uso de *ainda* pode, dessa forma, ser caracterizado como uma conjunção lexical, no Nível Morfossintático, que marca, no Nível Representacional, a **função Concessão na camada do Conteúdo Proposicional**.

Os usos inclusivos e intensificadores de *ainda* podem ser revistos segundo os parâmetros da GDF. Tanto o *ainda* inclusivo como o *ainda* intensificador correspondem, na GDF, a operadores enfáticos no Nível Interpessoal. A função discursiva de ênfase consiste, basicamente, em uma estratégia do falante em destacar ou salientar uma determinada informação. Na GDF, a ênfase é uma propriedade pragmática e pode atuar como modificador ou operador das diversas camadas do Nível Interpessoal.

*Ainda* com valor intensificador “tem a propriedade de enfatizar uma ideia expressa por um advérbio ou partícula de natureza adverbial sobre o qual incide” (LONGHIN-THOMAZI, 2004, p. 224) e refere-se “ao advérbio que o sucede, enfatizando ou intensificando o conteúdo por ele expresso” (MARTELOTTA, 1993, p. 195). Pezatti (2012), ao discorrer sobre os operadores de ênfase na GDF, prevê um uso de *ainda* como operador de ênfase na camada do Subato. Segundo a autora, nesses casos, a ênfase recai sobre parte do Conteúdo Comunicado, conforme podemos notar nos exemplos em (09).

- (09) a. nao ele teve escritório no início da carreira...teve escritório durante...oito anos::mais ou menos...depois...**ainda com escritório**...e como ele tinha liberdade de advogar ele também...exercia a::a profi/ o a advocacia do Estado né?...
- b. Agora é bom deixar claro que não faremos restrição a nenhuma modalidade. Poderemos premiar o clássico, o moderno, o contemporâneo, o popular, o folclórico e até a dança de salão. As indicações do primeiro semestre saem **ainda este mês** e o resultado final será em dezembro. 19Or:Br:Intrv:Com
- c. ah::também( )... quando (tenho que ir)... sempre é em função dessa socieDAde que meu marido está já está há dez anos... assim:: na diretoria..., uma vez ele era tesouRElro... outra vez vice-presiDENTE outra:: agora ele é::... eu disse vice-presidente **ainda agora** né? (POA-DID-45)

Em (09a), por exemplo, *ainda* denota a necessidade do Falante em enfatizar o momento em que o Estado-de-Coisas ocorreu; no caso, a ênfase recai sobre a referência ao escritório. Em (09b) e (09c), por outro lado, *ainda* intensifica o período temporal (*este mês* e *agora*) em que ocorrerá o estado de coisas descrito. Tem-se, assim, um quarto padrão de uso de *ainda*: **operador de Ênfase na camada do Subato**.

A intensificação ou a ênfase denotada por *ainda* pode não recair sobre parte do Conteúdo Comunicado, mas sobre o Conteúdo Comunicado como um todo, conforme observamos nos exemplos em (10).

- (10) a. ah essa então...normalmente leva meia hora mais ou menos...porque eles comem bastante coisa realmente...quer dizer que então::é demorado...depois **ainda** tem que escovar dente para sair... (SP-D2-360)
- b. eu estava interessada em ensinar. Comecei a trabalhar como treinadora da equipe bauruense e **ainda** fiz alguns jogos como atleta até 1991. 19Or:Br:Intrv:Cid

- c. ...entao eu estou procurando eh...encaminhá-la para outra coisa nao sei mas...éh ginástica rítmica por exemplo...ela:...faz ginástica rítmica...entao **ainda**::...eu hesito em pôr no balé mas eu vou ter que pôr sabe?... (SP-D2-360)

Nos exemplos em (10), o escopo de *ainda*, enquanto operador de ênfase, não está sobre um único constituinte do Ato discursivo, mas sim sobre a totalidade comunicativa evocada pelo Ato. Dessa forma, a ênfase recai sobre todo o Conteúdo Comunicado, ou seja, o Falante, por meio do uso de *ainda*, deseja chamar a atenção de seu Ouvinte para todo o conteúdo subsequente na comunicação.

É comum analisar o item *ainda* nos exemplos em (10) como operador argumentativo aditivo. Vicente *et al* (2011) definem *e ainda*, exemplificado em (10b), como um padrão funcional de *ainda e*, de acordo com os autores, tal construção equivale a *além disso*, acrescentando uma ideia/situação, isto é, relacionando uma ideia à informação inicial da sentença. Neste estudo, acredita-se que a ideia de adição, de acréscimo ou de inclusão é veiculado pelo conectivo *e*, no caso de (10b), enquanto o item *ainda* enfatiza, salienta ou intensifica a totalidade comunicativa expressa na sentença subsequente. Assim, o quinto padrão de uso de *ainda* se caracteriza como **operador de Ênfase na camada do Conteúdo Comunicado**.

## Considerações finais

Além de caracterizar a multifuncionalidade de *ainda*, este trabalho toma como objetivo mais central a análise dos processos de decategorização e de mudança metafórica envolvidos na GR do item *ainda* à luz da GDF. É a adoção desse modelo gramatical como arcabouço teórico-metodológico que leva ao diferencial da análise e das considerações aqui apresentadas.

Esse diferencial se faz ver por meio de dois principais pontos. Um primeiro ponto é que este trabalho reorganiza usos e valores de *ainda*, de forma que o que tem sido chamado de uso temporal é desdobrado em usos aspectuais e polares e o uso inclusivo é colocado entre os usos enfáticos. Um segundo ponto é a caracterização das alterações semântico-pragmáticas sofridas por *ainda*, alterações que se processam de uma camada mais baixa no Nível Representacional (a da Propriedade Configuracional) até uma camada mais alta do Nível Interpessoal (a do Conteúdo Comunicado).

O que se pode observar não é somente um aumento de escopo do item *ainda*, mas, também, alterações categoriais e, por conseguinte, alterações em suas funções comunicativas. A GDF prima por um alinhamento entre as representações de níveis mais altos, como o Interpessoal e o Representacional, e a codificação nos níveis mais baixos, como o Morfossintático e o Fonológico. Essas alterações semântico-pragmáticas apontadas para o item *ainda* são, obviamente, acompanhadas de alterações no Nível Morfossintático, como a fixação de ordenação e a construcionalização; esse alinhamento, entretanto, é assunto para outro trabalho.

## REFERÊNCIAS

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. 2006. Available at: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 11 jun. 2013.

FERREIRA, B. Rota de Gramaticalização dos advérbios *ainda e sempre*. *Filologia e linguística portuguesa*, n. 13, v. 2, p. 505-516, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, N. F. Os advérbios já, mais e ainda nas orações negativas. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, ano 2, v. 2, p. 63-77, 1993.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILARI, R. Sobre os advérbios aspectuais. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*. v. 2. 4. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 139-180.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a ordem dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do português falado: a ordem*. v. 1. 4. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 53-120.

KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in Functional Discourse Grammar. *Alfa*, São Paulo, n. 51, v. 2, p. 35-56, 2007.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Um exemplo de (inter)subjetivização na linguagem: a reconstrução histórica de ‘ainda’. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 34, p. 1361-1366, 2004.

\_\_\_\_\_. Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva. *Gragoatá*, Rio de Janeiro, UFF, v. 21, n. 21, p. 59-72, 2005.

LOPES-DAMASIO. Diacronia dos processos constitutivos do texto relativos a “assim”: um novo enfoque da gramaticalização. 284 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, São Paulo, 2011.

MARTELOTTA, M. E. Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma abordagem funcional. 1993. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 1993.

\_\_\_\_\_. Gramaticalização de conectivos portugueses: uma trajetória do espaço para o texto. *Estudos Linguísticos*, Lisboa, n. 2, p. 41-60, 2008.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*: níveis de análise linguística. v. 2. 4 ed. rev. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. p. 249-285.

PEZATTI, E. G. Clivagem e construções similares: contraste, foco e ênfase. *Linguística*, v. 28, p. 73-98, 2012.

VICENTE, R. B. et al. Formação histórica e os padrões funcionais de *ainda*. In: \_\_\_\_\_. *Cognição, gramaticalização e cultura*: um diálogo sem fronteiras. São Paulo: USP/FFLCH, 2011. p. 55-73.